

TORCIDAS UNIFORMIZADAS NO RIO GRANDE DO SUL: AS PRIMEIRAS EXPRESSÕES TORCEDORAS NO SUL DO BRASIL

Elias Csta de Oliveira 

RESUMO: O presente artigo dedica-se a fazer um levantamento historiográfico das primeiras torcidas uniformizadas do Rio Grande do Sul, tendo início a partir de 1940 na cidade de Porto Alegre. O estado foi pioneiro nas associações coletivas de torcedores organizados, surgindo no período do Estado Novo (1937-1945), no qual seguiam as diretrizes do governo e dos departamentos dos clubes. As torcidas que trataremos neste artigo são: Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional; Departamento do Torcedor Gremista do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense e o Departamento de Torcida do Grêmio Esportivo Renner. Dessa forma, essas torcidas uniformizadas modificaram a esttica e as performances nas arquibancadas, inovando e popularizando cada vez mais o torcer e o próprio futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas Uniformizadas. Práticas Torcedoras. Rio Grande do Sul.

UNIFORMED FANS IN RIO GRANDE DO SUL: THE FIRST FAN EXPRESSIONS IN SOUTHERN BRAZIL

ABSTRACT: This article is dedicated to a historiographical research of the first uniformed supporters' associations in Rio Grande do Sul, which began in 1940 in the city of Porto Alegre. The state was a pioneer in collective associations of organized fans, emerging during the Estado Novo period (1937-1945), in which they followed the directives of the government and club departments. The clubs we'll be discussing in this article are: Sport Club Internacional's Department of Cooperation and Propaganda; Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense's Gremista Fan Department and Grêmio Esportivo Renner's Fan Department. In this way, these uniformed supporters have changed the aesthetics and performances in the stands, innovating and increasingly popularizing cheering and soccer itself.

KEYWORDS: Uniformed supporters. Fan practices. Rio Grande do Sul.

HINCHAS UNIFORMADOS EN RIO GRANDE DO SUL: LAS PRIMERAS EXPRESIONES DE HINCHAS EN EL SUR DE BRASIL

RESUMEN: Este artículo está dedicado a un estudio historiográfico de las primeras asociaciones de hinchas uniformados de Rio Grande do Sul, que se iniciaron en 1940 en la ciudad de Porto Alegre. El estado fue pionero en asociaciones colectivas de hinchas organizadas, que surgieron durante el

período del Estado Novo (1937-1945), en el que seguían las directrices del gobierno y de los departamentos de los clubes. Las organizaciones de aficionados de las que hablaremos en este artículo son: El Departamento de Cooperación y Propaganda del Sport Club Internacional; el Departamento de Aficionados Gremista del Grêmio Foot-Ball Porto Alegre y el Departamento de Aficionados del Grêmio Esportivo Renner. De este modo, estos hinchas uniformados han cambiado la estética y las actuaciones en las gradas, innovando y popularizando cada vez más la animación y el propio fútbol.

PALABRAS CLAVE: Hinchas uniformados. Prácticas de los hinchas. Rio Grande do Sul.

Introdução

A década de 1940 foi um período intenso tanto nos âmbitos esportivos, como nos âmbitos políticos e sociais. Na perspectiva esportiva, a seleção brasileira alcançou o terceiro lugar na Copa do Mundo da França em 1938, sendo muito festejado (Dimas Junior, 2019). No âmbito político-social o país vivia a ditadura de Getúlio Vargas, popularmente conhecido de Estado Novo (1937-1945), no qual executou um autogolpe fechando o Congresso Nacional (Bastos; Fonseca, 2012). Ainda nesse período, estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), marcado por crises sociais e tensões geopolíticas que sucederam as próximas décadas, como a Guerra Fria.

A década de 1940 foi um período intenso tanto nos âmbitos esportivos, como nos âmbitos políticos e sociais. Na perspectiva esportiva, a seleção brasileira alcançou o terceiro lugar na Copa do Mundo da França em 1938, sendo muito festejado (Dimas Junior, 2019). No âmbito político-social o país vivia a ditadura de Getúlio Vargas, popularmente conhecido de Estado Novo (1937-1945), no qual executou um autogolpe fechando o Congresso Nacional (Bastos; Fonseca, 2012). Ainda nesse período, estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), marcado por crises sociais e tensões geopolíticas que sucederam as próximas décadas, como a Guerra Fria.

Como a sociedade brasileira era extremamente hierárquica, as relações esportivas refletiam essa hierarquia. Tanto na sociedade

quanto nas arquibancadas existiu a “linha dura” ideológica do estado novista, representado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Esse órgão foi regulamentado pelo Decreto 5077 de 29 de dezembro de 1939. Sendo um instrumento de difusão do discurso oficial, mostrando valores corretos e ideal de comportamento que os brasileiros deveriam seguir, atuando no cerceamento da liberdade de expressão e circulação de informação (Luca, 2011).

O órgão utilizava estádios de futebol para promulgar leis favoráveis às pautas trabalhistas (Braga, 2010). Em 1940 foi criado o Estádio do Pacaembu, que comportava sessenta mil torcedores. Porém, para o governo estadonovista a preocupação era o controle das massas torcedoras. Assim, comparando com a música clássica, era necessário orientadores de torcida, alguém com autoridade perante a massa.

O chefe de torcida, um ser carismático por princípio, teria o papel de moralizar e de refrear as paixões da multidão que comparecia aos espetáculos esportivos, impedindo o caos e conduzindo-a uma uniformidade de comportamento (...) Tal manifestação deveria ser para tanto cordial e regrada, de forma que o objetivo primeiro era garantir a disciplina dos torcedores no apoio ao clube e, em segundo lugar, a obtenção da vitória esportiva em campo (Hollanda; Chaim, 2020, p.9-10).

A esse respeito, podemos entender que entre esporte e política existe uma intersecção de interesses muitas vezes negados e negligenciados no decorrer da História. Futebol e política caminham em conjunto, pois quando pensamos nos nomes dos estádios brasileiros, os mesmos se tornaram uma ferramenta importante para a ditadura Civil-Militar, tornando-se instrumento de legitimação e ideológico do regime (Santos; Fortes, 2021).

Desse modo, é nesse contexto que surgem as primeiras manifestações organizadas de torcedores nos estádios de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (RS). São grupos de pessoas que substituíram a exclusividade da sociabilidade familiar e de amigos nos estádios, assumindo identidade de grupo (Souza, 2020). Esses

grupos foram conhecidos como “torcidas uniformizadas” ou “torcidas charangas”, desenvolveram estéticas e performances inéditas nos estádios, chamando atenção da imprensa e com forte ligação com os dirigentes dos clubes.

O presente artigo desenvolvido é um recorte de um subcapítulo de dissertação de mestrado. Tal subcapítulo trata de um levantamento historiográfico das primeiras expressões torcedoras no estado do Rio Grande do Sul. Existem poucas fontes em relação às primeiras torcidas uniformizadas do RS, pesquisamos a partir das fontes de periódicos através da plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira. Os jornais utilizados foram o “Diário de Notícias” e o “Correio do Povo”. Além disso, tal pesquisa consultou trabalhos acadêmicos sobre torcidas no Rio Grande do Sul, especialmente na cidade de Porto Alegre da metade do século XX. Dessa forma, o artigo tem o objetivo de visibilizar as primeiras torcidas uniformizadas gaúchas, sendo que temporalmente se constituíram entre as primeiras torcidas do Brasil, já que a primeira torcida gaúcha é datada em 1940, na cidade de Porto Alegre. Serão historicizadas três torcidas uniformizadas das respectivas equipes, a saber: Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense (1903), Sport Club Internacional (1909), e o extinto Clube Esportivo Renner (1931).

Os primeiros movimentos uniformizados de torcedores no Brasil

Para entendermos o Rio Grande do Sul como um dos estados pioneiros em relação às Torcidas Uniformizadas, temos que compreender que o estado também foi um dos pioneiros na entrada do futebol no Brasil. O RS compõe a região denominada de Região Platina, pois sua área faz fronteira com Argentina e Uruguai, no qual ocorriam trocas econômicas, mas também políticas e sociais (Gutfreind, 1998).

Desse modo, a Região Platina contou com forte colônia inglesa em sua sociedade, sobretudo, a Argentina. Nas escolas do país o futebol foi potencializado por professores, sendo que no final do século XIX o futebol estava se tornando um esporte popular (Archetti, 1995). Já no Uruguai as elites também escolheram o futebol como principal esporte para se exercitarem, também foi difundido por operários de ferrovias e professores influenciados pelos ingleses (Frydenberg, 2017).

No final do século XIX, início do século XX, o futebol iniciou na América do Sul, nos portos de Buenos Aires e Montevideu, por conta dos navios ingleses que chegavam até lá. Os marinheiros jogavam o esporte futebolístico próximo ao porto, trazendo curiosidades às populações locais (Mascarenhas, 2001).

Assim, o Rio Grande do Sul, principalmente a região de fronteira, conhecida geograficamente como Campanha, tinha forte relação com Argentina e Uruguai, sendo influenciado e tendo os primeiros contatos com o esporte (Mascarenhas, 2001). Logo, entendemos o motivo das equipes da fronteira, como: Club 14 de Julho (1902), Sport Club Bagé (1906) e Guarany Futebol Clube (1907) estarem entre os mais antigos do estado. Já em relação aos clubes da capital e litoral do estado a influência se deu pelas primeiras colônias de imigrantes alemães, que têm o Sport Club Rio Grande (1900) e o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre como exemplos. Dessa maneira gera reflexões sobre os motivos do RS ser um dos estados pioneiros a possuírem Torcidas Uniformizadas.

As regiões Sudeste e Sul foram pioneiras nas primeiras organizações torcedoras, por terem contato com o futebol mais cedo que outras regiões brasileiras. Por conseguinte, foram as primeiras torcidas consolidadas no Brasil. Mas antes de iniciar sobre as torcidas no Rio Grande do Sul, iremos conhecer um panorama geral sobre as primeiras torcidas uniformizadas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Podemos entender que as formas coletivas de organização torcedora, se deram a partir dos estímulos dos jornais e rádios

esportivos. Em São Paulo foi a partir da Gazeta Esportiva e Rádio Gazeta. No Rio de Janeiro foi a partir do Jornal dos Sports. Tais veículos esportivos se inspiraram em concursos carnavalescos e promoveram competições de melhor torcida (Hollanda, 2009).

Segundo Toledo (2000), a imprensa paulista promoveu o primeiro campeonato paulistano de torcidas, no qual buscava a disciplina e ordem dentro dos estádios. A ideia era premiar as torcidas que se alinhavam com a ideologia da ditadura de Getúlio Vargas. Essas torcidas faziam parte dos departamentos dos clubes e mostravam os aspectos positivos dos mesmos. Desde o Campeonato Sul-Americano de 1919, as direções dos clubes cobravam um bom comportamento de seus torcedores, pois eram obrigados a assistir aos jogos sentados e em cadeiras numeradas (Malaia, 2012).

O Campeonato Paulista de Torcidas em 1943, estabeleceu normas nas competições, pois no final do torneio a Federação Paulista de Futebol decidiu a torcida campeã (Hollanda; Chaim, 2020). Importante destacar que além dessa competição, os torcedores estariam se colocando ao “Serviço da Pátria”. Os quesitos que avaliados foram: “(...) constituído por pontos diferenciados: disciplina; entusiasmo; coro e organização; harmonia e originalidade; e número de componentes” (Hollanda; Chaim, 2020, p.15).

Essas torcidas se destacavam pelo trabalho em conjunto com os órgãos de segurança, ao passo de coibir e “enquadrar” maus torcedores nas arquibancadas. As torcidas uniformizadas faziam festa, mas serviam de controle das massas, sendo instrumento importante para manter a ordem e a disciplina:

As associações de torcedores eram incumbidas de dar o exemplo do “bom torcer” a todo momento, seguindo convenções de cordialidade e reciprocidade da época. Assim como os jogadores trocavam flâmulas no gramado, nas arquibancadas havia o cumprimento entre os chefes de torcida rivais. Em algumas partidas, fazia-se a troca das bandeiras dos clubes envolvidos no jogo. Isso poderia acontecer antes ou durante a partida, e constituía uma

forma de demonstrar o fair play e o espírito esportivo também nas tribunas (Hollanda; Chaim, 2020, p.17-18).

No Rio de Janeiro em 1930, foi criado pelo Jornal dos Sports um concurso intitulado de Duelo de Torcidas que tinha como objetivo premiar a torcida que fazia mais festa nas arquibancadas (Hollanda, 2012). O mesmo concurso foi realizado pelo jornalista Mário Filho em 1951, para o jogo entre Fluminense x Flamengo, sendo conhecido como “batalha dos confetes”. Em relação a esse concurso, foram realizadas reportagens durante a semana sobre a preparação das torcidas para a referida partida.

Na década de 1930, foi o período de início da profissionalização do futebol, marcado no estado de São Paulo e Rio de Janeiro. A partir da criação das chamadas “Torcidas Charangas”, a forma de torcer foi ganhando destaque, sendo que as torcidas começaram a fazer parte do espetáculo, inovando esteticamente os estádios (Pimenta, 1997). As Torcidas Uniformizadas criaram performances, roupas e instrumentos que eram utilizados nos blocos carnavalescos (Souza, 2020). Assim, nasceu a carnavalização do torcer.

Destaca-se que não existiam formas burocráticas dentro das torcidas como se conhece hoje. Não existiam presidente das torcidas, mas sim, “torcedores símbolos” ou “chefes de torcida”, sendo torcedores conhecidos popularmente pelo amor ao clube (Souza, 2020). Além de propor um levantamento historiográfico sobre as torcidas uniformizadas, o trabalho exposto também objetiva fazer o esforço de identificar os “chefes das torcidas”, pois eram engrenagens importantes da organização e nas festas destes coletivos torcedores.

As torcidas acompanhavam a dinâmica da sociedade Estado Novista. Essas torcidas tinham uma organização corporativa quase sindical, sendo permitida apenas uma torcida por time (princípio do sindicato único), que era liderado por um único chefe, o “Chefe de Torcida” (Hollanda; Chaim, 2020).

A primeira torcida uniformizada que temos registros foi a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), datada em 1939 (Hollanda, 2020). A maior parte desses torcedores eram associados ao clube, sendo quase uma regra para participar de tal entidade. Ainda em relação aos seus associados, o perfil eram membros de classe média alta e estudantes do curso de Direito, sendo um perfil diferente das uniformizadas cariocas (Canale, 2020).

Em relação a São Paulo, as torcidas uniformizadas possuíam seus respectivos “chefes de torcida”. Na TUSP era Manoel Raymundo Paes de Almeida; na torcida Guerreiros da Tribo do Guarani de Campinas era o Beijola, presidente de escola de samba; já na Torcida Jovem da Ponte do clube da Ponte Preta da mesma cidade, era Donana e Conceição; no Corinthians a Torcida Uniformizada tinha o representante Francisco Piciocchi, conhecido como Tan-Tan (Canale, 2020). Esses coletivos de torcedores eram simpatizantes do Estado Novo, apoiavam os símbolos nacionais e a concepção da ordem vigente era aspecto fundamental de seus líderes.

No começo da década de 1940, no Rio de Janeiro, surgiu a Charanga Rubro-Negra, torcida do Flamengo criada por Jaime de Carvalho, no qual assumem um caráter competitivo e “intimidador”, diferente do perfil de torcedor dos anos anteriores. Assim, as principais equipes do estado possuíram Torcidas Uniformizadas, sendo que depois da Charanga Rubro Negra em 1942:

(...) Seria fundada em 1944 a Torcida Organizada do Vasco (TOV), por Aida de Almeida e um grupo de amigas que nos anos de 1950 passariam o comando a Dulce Rosalina; em 1946 surgiria a Torcida Organizada do Fluminense (TOF), por Paulista, que chefiava os tricolores desde 1939; em 1952, foi criada a Torcida Organizada do Bangu, liderada por Juarez; e, em 1957, a Torcida Organizada do Botafogo (TOB) era assumida por Tarzan, que substituíra Salvador Peixoto, veterano torcedor alvinegro da década de 1940 (Hollanda, 2009. p. 108).

Esses agrupamentos torcedores surgiram com objetivos de manter a ordem e a disciplina nos estádios, bem como sua função quase que exclusiva era a festa na arquibancada, já que as relações entre os componentes aconteciam em dias de jogos. Entretanto, esses movimentos ajudaram o futebol a se popularizar tanto em seus clubes quanto em seus estados.

As torcidas uniformizadas gaúchas: O início organizado do torcer

As torcidas uniformizadas gaúchas foram as primeiras organizações torcedoras junto dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, pois também surgiram na década de 1940. A torcida mais antiga que temos registro (Silva, 2021) é do Sport Club Internacional, intitulada de Departamento de Cooperação e Propaganda (DCP) em 1940; seguida pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, que criou o Departamento pela Pujança do Grêmio (Duarte, 2012), que mais tarde ficou conhecido como Departamento do Torcedor Gremista (DTG), em 1946; e o Grêmio Esportivo Renner com a sua torcida denominada de Departamento de Torcida, datada em 1946 (Horn; Mazo, 2009).

Em relação a essas novas formas de organização torcedora, temos mais fontes e registros relacionados ao Departamento de Cooperação e Propaganda do Internacional, no qual foram deixados registros em jornais da cidade. Em relação ao Departamento do Torcedor Gremista, existem escassos registros, pois a torcida teve poucos anos de existência. Logo depois da sua criação, gradativamente foi sumindo dos periódicos da época. O Departamento de Torcida do Renner são pouquíssimas fontes históricas, já que o clube foi criado em 1931, mas decretou falência, fechando em 1957. Assim, teremos mais fontes de uma torcida em relação às outras duas.

O Departamento de Cooperação e Propaganda: O pioneirismo no torcer

Em relação às torcidas uniformizadas do Rio Grande do Sul, seguiremos uma ordem cronológica crescente, iniciando pelo Departamento de Cooperação e Propaganda. A torcida conhecida como DCP, teve como um dos seus principais torcedores símbolos, o Vicente Lomano Rao, conhecido como Vicente Rao, que atuava como bancário e foi Rei Momo do carnaval de rua em Porto Alegre, no qual iremos descrever nas próximas páginas.

Os primeiros registros dessa torcida no estado são do jornal “Diário de Notícias”, sendo um dos principais jornais em circulação do estado, destacando o início do torcer de forma curiosa em suas edições. No dia 14 de junho de 1940 o time do Internacional convocou os torcedores para uma reunião para criar uma organização torcedora, chamada de “maior torcida da cidade”. Na reportagem a direção do clube estava preocupada com as vaias da torcida e com os árbitros de má fé, assim o clube convocou uma reunião de contribuição “moral” e não material aos seus adeptos:

[...] Reclamam contra a torcida, que às vezes achincalha o jogador em vez de incita-lo. Acusa-se, muito frequente, sem motivos plausíveis, o arbitro, indispondo-o contra o clube. (...) Por estes e muitos outros motivos, os colorados vão convocar uma reunião de todos os associados, com o apoio incondicional do primeiro mandatario, no sentido de congregar as forças. Será organizado uma “comissão de 40 que procurará cooperar com a diretoria, na “hora dos sacrificios”. Afirma-se, abertamente, que a colaboração não será material, mas sim moral. A reunião está marcada para hoje às 20, 30 horas. Todos os associados torcedores estão convocados para a reunião de logo á noite na séde, á rua Capitão Montanha.¹

¹Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093726_02/1637. Acesso em 05 set. 2022. TODOS OS INTERNACIONALISTAS ESTÃO CONVOCADOS PARA HOJE A'S 20, 30 HORAS. Diário de Notícias, Porto Alegre, 14 de jun. 1940, p.6.

O que chama atenção são os registros de umas das características das torcidas uniformizadas daquele período, de serem atreladas às direções dos clubes. Como podemos observar na reportagem, a direção pede colaboração e sacrifícios dos torcedores, sendo organizada uma comissão de pessoas. Essas torcidas eram vinculadas aos clubes e potencializadas pelos dirigentes e até mesmo pela imprensa esportiva (Hollanda; Chaim, 2020).

Após dois dias, no dia 16 de junho de 1940, outra reportagem do “Diário de Notícias” anuncia que foi criado um movimento de torcedores colorados. Essa nova organização torcedora tinha o objetivo de ter disciplina, apoiar os jogadores, estreitar os laços com a direção e ajudar na campanha de sócios. Segundo a reportagem, apesar do tempo chuvoso foram 104 apoiadores na reunião:

Compareceram a reunião de anteontem, promovida por sócios do Internacional apesar do mau tempo, 104 associados e simpatizantes do clube colorado. A reunião foi aberta pelo desportista Peri Azambuja Soares, que convidou o presidente do Internacional, sr. Hoche de Almeida Barros para presidi-la. Após, por espaço de mais de uma hora, falou o desportista Pery Azambuja Soares, que em linhas gerais dissertou com referencia a nova iniciativa dos “aficionados” do —mais querido clube da cidade. Os pontos principais que o novo Departamento que se denominará “Pró cooperação e propaganda” defenderá são os seguintes: 1º - Estreita ligação com a direção do clube; 2º - Incentivo por todas as formas ao “onze” colorado. 3º - Disciplina ferrea na “torcida rubra”. 4º - Apoio decisivo a todas as iniciativas do clube. 5º - Creação de um “bureau de Propaganda” 6º - Reiniciar imediatamente a Campanha dos “Dez Mil”. Tendo sido aprovado esse programa de ação foi então procedido a eleição dos membros da grande Comissão. O desportista Peri Azambuja Soares indicou para presidente da referida comissão o conhecido desportista dr. José Azevedo e Silva, o qual foi delirantemente aclamado pelos presentes. A seguir foram escolhidos os demais componentes.²

²Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093726_02/1667. Acesso em: 05 set. 2022. EM CONCORRIDA REUNIÃO ADEPTOS DO INTERNACIONAL CREAMAM O DEP. PRÓ COOPERAÇÃO E PROPAGANDA. Diário de Notícias, Porto Alegre, 16 de jun. 1940, p.10.

Um ponto importante desse registro é a tentativa de chegar aos dez mil sócios, sendo que a torcida também seria a responsável por essa conquista. Além disso, a torcida atuaria como um setor de agitação e propaganda, no qual atualmente conhecemos como marketing esportivo. Outro elemento fundamental, foi a participação do presidente do clube, o senhor Hoche de Almeida Barros, grande incentivador da criação da torcida.

A partir dessa premissa, foi criada a primeira Torcida Uniformizada do Rio Grande do Sul, a DCP, que organizava toda a festa no Estádio dos Eucaliptos³, utilizando papéis picados, foguetes e rojões. Esses objetos ainda não tinham surgido nos estádios do estado. Essa característica de torcer ficou conhecida como “torcidas carnavalizadas”. Além disso, outras características dessa forma de torcer era não existir conflitos políticos com a direção, apoio incondicional a equipe e um estreito laço com a moralidade vigente (Hollanda, 2012).

Aliás, em relação às características das torcidas uniformizadas, sublinhamos os estreitos laços com as direções, pois as mesmas financiavam excursões; seus vínculos afetivos não eram com as organizações torcedoras, mas com o clube, além do uso de palavrões serem evitados nos estádios por conta da moralidade (Lopes; Cordeiro, 2010). Mesmo assim, sabemos que as relações com as uniformizadas não aconteciam da mesma maneira em todo estádio brasileiro, por óbvio, deveria existir alguma torcida uniformizada que utilizava palavras de baixo calão ou que protagonizou cenas de violência.

Assim, apesar de existir forte moralidade com os valores da época, existiam provocações aos rivais, mas sempre de maneira divertida. Eram utilizadas caricaturas ou dísticos⁴ para se dirigir aos rivais, no

³ Fundado em 15 de março de 1931, para receber os jogos da Copa do Mundo de 1950, o Estádio do Eucaliptos foi o segundo estádio do Internacional. O Clube parou de utilizar em 26 de março de 1969.

⁴ Segundo o dicionário de língua portuguesa, essa palavra significa estrofes de dois versos. Esses dísticos eram entoados nos estádios.

qual eram espalhados pela cidade, essa atitude era vista de maneira engraçada pela mídia esportiva (Silva, 2021). Essa forma de provocação é utilizada até hoje pelas torcidas organizadas, porém, as formas de humor utilizadas são controversas e não têm legitimidade da mídia esportiva e na sociedade, pois muitas vezes utilizam conotações sexuais, raciais ou ameaças de morte.

O Departamento de Cooperação e Propaganda utilizava notas em jornais da cidade para propagandear sobre o Sport Club Internacional, além de utilizar os veículos de comunicação como instrumento para tentar chamar mais associados para o movimento que estava em fase de crescimento (Silva, 2021). A partir desse momento surgiu a figura emblemática de Vicente Rao, sendo conhecido como “torcedor símbolo” do time.

A partir do decênio de 1940, se iniciou a ligação das torcidas uniformizadas com o carnaval e com a formação de bailes carnavalescos, no qual os clubes organizavam e as torcidas ajudavam a divulgar as festas (Braga, 2010). Nesse período, Vicente Rao, enquanto Rei Momo de Porto Alegre ganhou fama no cenário do futebol e se tornou o primeiro chefe de torcida do Sul do país (Damo, 2002). A partir da sua consolidação como “Chefe de Torcida”, representou o Internacional após uma vitória no Gre-Nal, para receber a Taça Diário de Notícias, sendo chamado para dar entrevistas aos veículos esportivos na temporada de 1941.

Existem registros das festas do DCP pelo jornal “Diário de Notícias”, como no dia que a torcida organizou uma carreata pelo título do Campeonato Citadino. A festa ocorreu em 3 de novembro de 1940⁵. Já neste ano o DCP era atuante e orgânico, como podemos observar no registro: “[...] tendo o Departamento de Cooperação e Propaganda organizado uma passeata para depois do jogo, a diretoria solicita a

⁵ Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093726_02/3286. Acesso: 7 set. 2023. FLORES, CONFETES E SERPENTINAS. Diário de Notícias, 8 de nov. 1940, p.17.

todos os sócios que compareçam à passeata, que partirá do campo do jogo [...]” (Diário de Notícias, 1940, p. 3).

Temos o registro de jornal de uma das festas do DCP, no Estádio dos Eucaliptos, na entrada em campo dos jogadores colorados na partida entre Internacional X São José, no dia 5 de novembro de 1940.

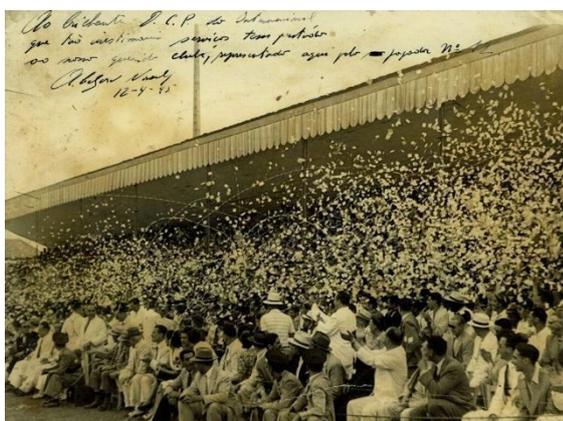
Figura 1- Festa do Departamento de Cooperação e Propaganda



Fonte: Diário de Notícias, 5 de novembro de 1940, p. 17.

A partir da análise da imagem, observamos os materiais utilizados e inovadores, no qual o jornal utilizou como manchete de sua reportagem a seguinte frase: “Flores, Confetes e Serpentinhas”. Na cidade de Porto Alegre, a carnavalização do torcer era iniciada, surpreendendo a sociedade e a mídia esportiva local que em muitos momentos escreviam reportagens daquela torcida diferente criada a poucos anos.

Figura 2- Foto da década de 1940.



Fonte: Site oficial do Sport Club Internacional

Além disso, é nesse período de 1940 que o Clube ganhou a alcunha de “Clube do Povo”, criando uma disputa de narrativa do “mito

de origem” de um time popular (Damo, 2002). Primeiro por conta da equipe formada por “negros vencedores”, chamado de “Rolo Compressor” e segundo pelo jogador Tesourinha, jogador negro que se tornou símbolo daquelas conquistas de quarenta (Damo, 2002). Além disso, surgiu um “torcedor símbolo”, diferente de Vicente Rao. Conhecido como Charuto, este torcedor era negro, analfabeto e ficava de costas para o campo, sempre com sintomas de embriaguez, além de ser acompanhado por uma cabrita chamada de “Cabrita Chica” (Rodrigues, 2012). Por óbvio, existe uma disputa de narrativas sobre ser um clube das classes populares que devemos ter cuidado, já que no início do futebol no RS, negros não jogaram as principais ligas.

Em relação às duas próximas organizações uniformizadas de torcedores, não existem muitas fontes, mas deixaram contribuições nas futuras torcidas organizadas. Assim, falaremos da torcida do Grêmio Football Porto-Alegrense e da torcida do Grêmio Esportivo Renner.

O Departamento de Pujança do Grêmio: Do hino oficial as caravanas de torcedores

A direção do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, criou em 10 de junho de 1942, o Departamento de Pujança do Grêmio. Foi criada uma ala de propaganda, possuindo dois diretores: Afonso Robles e Adail Borges. Após quatro anos de existência, em 1946, foi transformado em Departamento do Torcedor Gremista (Silva, 2021). A criação do DTG, inovou as formas torcedoras da torcida tricolor⁶, já que também começou a levar foguetes e bandeiras, segundo a reportagem do jornal Correio do Povo (1946, p.9):

Assim, em uma atmosfera plena de confiança e de idealismo, gremistas e diabo-rubros irão a Timbauva, com seus simpatizantes devidamente concentrados, com faixas e dísticos característicos e pronto a fazerem um

⁶ A alcunha tricolor é o apelido do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

barulho infernal, daqueles que só eles – os tricolores e os colorados – sabem fazer.

Para debatermos sobre o DTG, temos que falar do seu principal “torcedor símbolo”, o Salim Nigri, no qual se dedicou a construção da primeira torcida uniformizada do Grêmio. O torcedor Salim Nigri era descendente de italianos, alto e branco, sendo um dos responsáveis por levar instrumentos musicais, bandeiras e faixas (Duarte, 2012). Porém, Salim ficou conhecido por algo mais marcante e simbólico, levou uma faixa com dizeres que se tornou parte do hino oficial do Clube. Os dizeres eram: “com o Grêmio, onde o Grêmio estiver” (Rodrigues, 2012). Assim, Nigri se consolidou na memória dos torcedores como o precursor das torcidas organizadas do Clube.

Esse torcedor símbolo era estudante e bibliotecário, acompanhava a equipe em todos os jogos que podia e foi se tornado o talismã do time, por conta do seu fanatismo. Ademais, por tanta dedicação ao Clube, Salim foi disputando internamente até se tornar o “Torcedor Símbolo”.

Em 1945, o Grêmio jogou contra a equipe do Floriano, na cidade de Novo Hamburgo, atualmente na região metropolitana de Porto Alegre. Logo, Salim Nigri organizou uma excursão para acompanhar seu time do coração e pretendia levar cerca de cinquenta torcedores, mas saíram cerca de dezoito vagões de torcedores, algo incomum de acontecer antes do Departamento do Torcedor Gremista.

Figura 3 – Torcida gremista em excursão para acompanhar o jogo da equipe.



Fonte: Instagram Oficial do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre (2022).

Ao total foram cerca de duas mil pessoas para acompanhar o time, graças à organização de Salim e do DTG. Após a caravana⁷ daquela data, outra foi organizada contra a equipe do *Foot-Ball* Club Esperança (Duarte, 2012), conseqüentemente foi se tornando um hábito os torcedores gremistas viajarem. Apesar de Salim Nigri ser o “torcedor símbolo” ou o mais conhecido, o representante do Departamento do Torcedor Gremista era Francisco Maineri, que em 1946 também ajudou a consolidação da torcida. Em relação a esse episódio, Arlei Damo entrevistou Salim Nigri, no qual relata:

Uma vez levamos dezoito vagões de trem lotados de torcedores a Novo Hamburgo [...]. Se conseguíssemos uns cinquenta ou sessenta torcedores, a Viação Férrea levaria toda a delegação de trem. Num iriam os jogadores, a direção, aquela coisa toda e se eu conseguisse uns cinquenta torcedores iria outro vagão. Aí, na segunda-feira eu saí com uma folha de papel almaço: quando chegou na sexta-feira, tchê, começou a fazer fila lá na sede do Grêmio prá comprá passagens prá ir a Novo Hamburgo [...]. Prá te encurtar a história, tchê, de hora em hora eu telefonava pro cara da Viação e dizia: olha, mais um vagão [...] e a fila não acabava nunca. Foram dezoito vagões, com gente sentada e em pé às pampas. [...] Acho que foram mais de duas mil pessoas (Damo, 1998, p. 150).

⁷ Termo utilizado pelas torcidas organizadas para referirem-se às excursões de torcedores.

O Grêmio estava se popularizando e as arquibancadas foram conhecendo a carnavalização, porém, esse processo não agradou a ala mais conservadora de dirigentes, que gostariam de manter-se como um clube elitista (Damo, 1998). Ainda afirmavam que aquele formato de torcida era coisa do “outro”, referindo-se a torcida do rival Sport Club Internacional. Além disso, entendiam que a torcida gremista era antagônica daquela forma de torcer, não existindo “estardalhaços”. Mesmo assim, o DTG foi crescendo e criando maneiras de apoiar a equipe, sendo que a:

(...) organização da torcida gremista que visava o estímulo e a participação real dos torcedores nas partidas com suas faixas, bandeiras e instrumentos musicais em prol do incentivo ao clube, representando a apropriação total do esporte pelas camadas sociais mais populares da cidade já que a conotação popular (..) decorria das festas populares de carnaval que se estabeleceram em Porto Alegre entre os anos 30 e 40 (Duarte, 2011, p.22).

Segundo as fontes de Damo (2002), foi a partir da consolidação do Departamento do Torcedor Gremista, quando foram aceitos os instrumentos carnavalescos e faixas no estádio, que aconteceu um marco importante na rivalidade das torcidas uniformizadas de Grêmio e Internacional. O torcedor Vicente Rao confeccionou uma faixa com os dizeres⁸ “Imitando negrihos, hein!”. Ficando evidente a rivalidade que crescia entre as torcidas uniformizadas. Apesar da faixa, a torcida do Grêmio foi se popularizando em diferentes classes sociais do estado.

Assim se consolidava a Torcida Uniformizada gremista, mesmo de curta existência, pois foram desaparecendo dos noticiários após a demissão de sua direção (Silva, 2021). Apesar da rivalidade, a torcida colorada e gremista tinha incomum além da carnavalização do torcer, o esforço de propagandear sobre seus clubes e estarem envolvidos nas campanhas de sócios das suas respectivas agremiações. Além disso,

⁸ Segundo Silva (2021), outras fontes foram encontradas e o dístico que Vicente Rao escreveu era: “Imitando Negrinhos, hein!”. Tais fontes foram encontradas na edição 405 da Revista do Globo (1946, p. 67) e na revista Grandes Clubes Brasileiros (1971, p. 44), que foi a partir de uma entrevista de Vicente Rao.

diferente das torcidas do Sudeste, o DCP e DTG não atuavam somente no controle do comportamento de seus torcedores, mas em outros objetivos relacionados às suas respectivas instituições.

A torcida do Papão de 54: O Departamento de Torcida do Renner

Em relação a torcida do extinto Grêmio Esportivo Renner, temos poucos registros, apenas um trabalho de conclusão de curso. Foi a terceira torcida mais antiga do estado. A equipe era constituída por operários, que incrivelmente venceram o Campeonato Gaúcho de 1954 de forma invicta, superando a dupla Gre-Nal. Após essa conquista, ficou conhecido como Papão de 54⁹. Mesmo assim o clube fechou cinco anos depois da sua conquista, entretanto, o que chama atenção são os registros de sua torcida e sua participação dentro e fora do campo (Horn; Mazo, 2009).

Durante a década de 40 o clube foi crescendo e possuindo os maiores números de renda e arrecadação do campeonato, sendo o terceiro time com mais arrecadação, apenas atrás de Grêmio e Internacional (Horn; Mazo, 2009). O bairro dos Navegantes, onde o clube estava localizado, favoreceu o crescimento da torcida, já que o local era conhecido como um bairro industrial da cidade. Diferente da dupla Gre-Nal, no qual possuíam torcedores de diferentes bairros, o Renner era o conhecido como o “clube do bairro”, em que a torcida do local “apadrinhou” a equipe.

O clube organizou sua própria propaganda, afirmando que os jogadores do clube representavam o espírito das empresas Renner. Foi criado o *slogan* do “time dos trabalhadores”. Essa era uma analogia aos jogadores que eram os trabalhadores das fábricas:

Evidenciou-se a preocupação das empresas Renner em cativar seus empregados e a comunidade ao seu redor,

⁹ Foi produzido um documentário sobre a conquista do Campeonato Gaúcho de 1954. Tal material foi intitulado de “Papão de 54”, trazendo relatos de torcedores e apoiadores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FG8Paldslhg>. Acesso em: 8 de set. de 2023.

buscando ampliar o número de associados do clube. Todo esse processo era vangloriado pelo próprio Renner, que era responsável pela sua propaganda, a qual realizava com grande sucesso. Há um momento em que o clube passa a divulgar os dias e os locais de treinos dos jogadores (Horn; Mazo, 2009, p. 9).

Com o investimento em propaganda e o estreitamento dos laços entre jogadores e comunidade, o clube incentivou a criação do Departamento de Torcida, fundado em 1946. Provavelmente, a primeira ação da torcida foi organizar o “Livro Golo”, arrecadando recursos financeiros aos jogadores após as partidas (Horn; Mazo, 2009). Foi registrado um jogo em 1946 contra o Internacional que a equipe teve maior público superando uma partida Gre-Nal que ocorreu naquele ano.

Como era comum daquele decênio, o Departamento de Torcida do Renner, tinha seu “torcedor símbolo”, chamado de Darci Ferreira, sendo considerado patrono da torcida entre 1953 e 1954, no qual representava o sinônimo de cordialidade e ordem (HORN; MAZO, 2009). O torcedor Darci era trabalhador industriário do Grupo Renner, se tornando o principal chefe do Departamento de Torcida, assim a:

torcida rennista apresentou uma maneira particular de reagir e de se manifestar frente às situações de jogo e de apoio ao time. Portanto, ao mesmo tempo em que se consolidou como uma das pioneiras no processo de constituição de torcidas organizadas, a torcida se portava frente a um lema particular: cordialidade esportiva, educação e ordem (Horn; Mazo, 2009, p.4).

Ademais, a torcida uniformizada do Renner seguia as condutas das torcidas daquele período, andando conforme a moralidade e os valores que deveriam existir nos estádios.

Grande parte de sua torcida era composta pelos próprios empregados da indústria Renner, que em 1946, registrou mais de mil associados, sendo número expressivo para aquela década. Naquele ano,

o time conquistou o terceiro lugar no citadino, contando com um aumento de torcedores e simpatizantes (Horn; Mazo, 2009).

Outro registro importante, foi no campeonato de 1957, no qual enfrentou a equipe do Internacional. O estádio estava lotado e as arquibancadas de madeira cederam, causando ferimentos nos torcedores (Horn; Mazo, 2009). Após esse episódio, não foram encontrados registros de grandes públicos que acompanhavam o Grêmio Esportivo Renner.

Existem poucos registros históricos sobre sua torcida, alguns fatores nos ajudam a pensar o motivo. Houve uma enchente em 1941 no Bairro Navegantes, que destruiu parte da documentação do clube. Além disso, grande parte dos dados pertencem ao Grupo Renner, possuindo a versão somente dos dirigentes dessa empresa. E o outro fator foi do clube estar sob suspeita durante a ditadura Vargasista, por ser um clube criado por imigrantes alemães.

Considerações Finais

No referido trabalho, buscou-se fazer uma breve revisão historiográfica sobre o início das torcidas uniformizadas gaúchas e sua relação com o governo estadonovista. Essa relação não era exclusividade das torcidas gaúchas, já que a maioria das torcidas uniformizadas brasileiras possuíam essa característica, de estarem aparelhadas ao governo do Estado Novo (1937-1945) e atreladas aos departamentos dos clubes, no qual obedeciam a ordens e não se envolviam em debates políticos. Além disso, essas torcidas também tinham que manter a ordem, disciplina e a educação esportiva, garantindo a moralidade nos estádios.

Com o início da organização torcedora a partir do final da década de 1930, início de 1940, as associações do torcer foram potencializadas por “torcedores símbolos”, que prezavam pela ordem e controlavam a grande massa. Eram figuras extremamente respeitadas e cada torcida

possuía seu “Chefe de Torcida”. No Rio Grande do Sul conhecemos três nomes pioneiros em suas respectivas torcidas, como: Vicente Rao do Departamento de Cooperação e Propaganda pelo Internacional; Salim Nigri pelo Departamento do Torcedor Gremista; e por fim, Darci Ferreira, como chefe da torcida do Departamento do Torcedor, representando a equipe do Renner.

Podemos apontar que essa forma uniformizada se deu temporalmente até 1970, pois surgiram organizações diferentes, com outras reivindicações e contextos sócio-políticos distintos. Assim, o início do torcer ficou conhecido como “Tríplice Trindade” – um Clube, uma Torcida, um Chefe (Hollanda, 2012), já que era “permitida” apenas uma torcida e apenas um “chefe” por clube, mesmo havendo distintas disputas internas para tornar-se o chefe da torcida.

Ademais, a mídia esportiva diferente da contemporânea, potencializou a criação das torcidas, ora fazendo competição da torcida mais animada, ora divulgando as festas nos noticiários, mostrando como exemplo de disciplina. O papel da imprensa foi fundamental para a divulgação dessas torcidas, principalmente nas torcidas de São Paulo e Rio de Janeiro como o “Duelo de Torcidas” na década de 1930 e a “Batalha dos Confetes” organizado pelo jornalista Mário Filho em 1951.

Em relação aos “torcedores símbolos” das torcidas gaúchas, cada um de sua maneira contribuiu para o crescimento de suas torcidas, mas também de suas equipes. No caso de Vicente Rao, contribuiu para que o Internacional fosse o pioneiro das torcidas uniformizadas no RS; já Salim Nigri, ajudou o Grêmio se tornar um clube mais popular; já Darci Ferreira, operário e torcedor, incentivou o Renner a ser o “clube dos trabalhadores”. Ao fim e ao cabo, compreendemos que as torcidas foram fundamentais para o crescimento e desenvolvimento de suas equipes.

Diferentes momentos políticos acompanharam o surgimento das formas organizadas torcedoras. O momento político que as torcidas uniformizadas vivenciaram, tinha como cenário o Estado Novo; já as

torcidas organizadas a partir dos anos de 1970, tiveram o período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), como plano de fundo. Durante o período da redemocratização, as torcidas foram fazendo parte do espetáculo e cantando não somente para o clube, mas para televisão com o intuito de mostrar suas festas. Já na década de 1990, acompanhada pelas reformas do neoliberalismo, austeridade econômica, desigualdade social e racial, tivemos no país diversos massacres na cidade e no campo. Esse decênio foi um dos mais violentos do país, obviamente, as torcidas refletiam esse comportamento nos estádios, como exemplo, temos a fatídica Batalha do Pacaembu de 1995, sendo a primeira briga televisionado do país.

Por fim, compreendemos a importância de estudar as práticas associativas torcedoras a partir da História. Assim, estudar esse fenômeno é fugir do senso comum, dos discursos rasos e prontos que vivenciamos cotidianamente no noticiário. Dessa forma, estudar torcidas organizadas é compreender a nossa sociedade brasileira desde do século XX, perpassando temas como a exclusão social, Pós-Abolição, racismo, gênero, entre outros assuntos históricos e contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ARCHETTI, Eduardo. In Search of National Identity: Argentinian Football and Europe. *The International Journal of History of Sport*, v.12, n. 3, dez. de 1995, pp. 201-19.

<https://doi.org/10.1080/09523369508713903>. Acesso em: 7 de set. de 2023.

BASTOS, Pedro Paulo Zaluth (Org.); Fonseca, Pedro Cezar Dutra. (Org.). *A Era Vargas: Desenvolvimentismo*. Editora Unesp. São Paulo, Brasil. 2012.

BRAGA, Jorge Luiz. As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940. *Esporte e sociedade*, n. 14, mar./jun., 2010, p. 1-24. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48331/28040>. Acesso em: 7 de set. de 2023.

CANALE, V.S. *Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)*. 340 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/f16c7d9f-5c4a-4459-919b-ffccca977afa>. Acesso em: 14 de set. de 2023.

DAMO, Arlei. *Futebol e Identidade Social*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002. v. 1. 159p.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257939>. Acesso em: 7 de set. de 2023

DIMAS JUNIOR. *Futebol e Copas: uma aula de história*. São Paulo: Editora Gregory, 2019.

DUARTE, Vinicius Vidor. *Notícias que vêm da arquibancada: a popularização da torcida do Grêmio FPBA expressa nas páginas do Correio do Povo (1933-1946)*. TCC (Graduação) – Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/66950>. Acesso em: 7 de set. de 2023.

FRYDENBERG, Julio. *História social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. CHAIM, Aníbal Martinot. *Ordem e progresso nas arquibancadas: o jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime político do Estado Novo (1937-1945)*. *Revista de História*, n. 179, 2020, p. 1-27. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/4xCDxSnHw8WcWbnHFxBF3p/?lang=>. Acesso em: 07 set. 2023.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. *O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 85-122.

HORN, L. G. R.; MAZO, J. Z. Um estudo histórico sobre a torcida do 'Grêmio Esportivo Renner' de Porto Alegre/RS (1945-1959). *Pensar a Prática*, [S. l.], v. 12, n. 2, 2009.

LUCA, T.R de. A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso. *Revista Brasileira de História (impresso)*, v. 31, p. 271-296, 2011.

MALAIÁ, João Manuel. "Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950". In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012a, p. 51-84.

MASCARENHAS, Gilmar. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*, Tese (Doutorado em Geografia), Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001, 269 p.

MASCARENHAS. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

PIMENTA, C. A. M. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Autoafirmação*. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

RODRIGUES, Francisco. *Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/16325>. Acesso em: 7 de set. de 2023.

SANTOS, João Manuel Casquinha; FORTES, Rafael. *Brasil-grande, estádios gigantes: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985*. TEMPO (NITERÓI. ONLINE), v. 27, p. 165-183, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tem/a/dxyZ4FpZVhkw6KB6sb7K4Tn/>. Acesso em: 7 de set. de 2023.

SILVA, Cesar Marcelo Caramês. “*Imitando os negrinhos, hein?*”: o Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no contexto do Estado Novo (1940-1942). TCC (Graduação) – Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/221886>. Acesso em: 7 de set. de 2023.

SOUZA, E. A. P. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças. *CSONLINE* (UFJF), v. 31, p. 192-2018, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30164>. Acesso em: 7 de set. de 2023.

LOPES Paes Tavares, F.; CORDEIRO Prioli, M. Futebol, visibilidade e poder: lógicas da violência nos espetáculos futebolísticos. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, SP, v. 10, n. 3, p. 119–134, 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/129>. Acesso em: 11 de set. 2023.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado do torcer*" In: COSTA, M.R. da (et alli). *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo: Editora Musa, 2000.

Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor da Rede Básica da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. Participante do Grupo de Pesquisa da História do Esporte e das Práticas Lúdicas (STADIUM).

Email: eliascostaiff@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1650-8082>